

- CAPÍTULO I -

TUDO TEM UM COMEÇO

Um pedaço de madeira na mão, uma panela de barro na cabeça: já estava armado e protegido para as suas próximas aventuras. Três golpes rápidos no ar e um quarto mais forte, esta era sua manobra especial. Nunca tinha sequer atacado alguém com ela, mas tinha certeza: na hora em que precisasse, conseguiria.

A mãe se aproximava, limpando as mãos em suas vestimentas de camponesa. Ele não a via, estava muito ocupado inventando histórias. Já se imaginava derrotando uma legião de ferozes criaturas em busca do maior prêmio que um cavaleiro pode obter, uma princesa. Infelizmente, sua mãe não tinha

tanta imaginação, nem esperança, ou melhor, tinha pressa. Aquele menino vivia atrasando-a, o almoço estava servido há horas e nada de ele aparecer. Maldita fixação por se tornar herói, quer dizer, cavaleiro, como ele sempre lhe respondia.

- Lino! Vem logo! A comida está na mesa!

O garoto retornou à realidade. Olhou o quintal de sua pequena casa e percebeu estar novamente preso àquelas mesmas coisas que tinha de fazer todos os dias. A mãe voltava para a cozinha. Não entendia como seu filho podia ser tão avoado. Era impressionante, todo dia a mesma história. Aquele moleque não devia sentir fome, só podia ser.

Lino foi para dentro da casa, comeu sem dizer sequer uma palavra, estava cansado. Há anos que sonhava em sair daquela pequena vila e se aventurar pelo mundo. Tinha ouvido muitas histórias de cavaleiros e sempre quisera se tornar um. Sempre se encantara pelas belas donzelas e pelas riquezas e pelos castelos magníficos e os fortes cavalos e as armas afiadas e a enxada... enxada? Não, isso definitivamente estava fora de seus devaneios.

Foi quando levantou a cabeça e se deu conta de que ajudava seu pai e seus irmãos na lida. Todos riam dele, um sonhador. Desde quando alguém ouvira falar de um camponês que conseguira se transformar em um cavaleiro? Isso sem contar com o fato de que nada de importante acontecia nas cidades vizinhas, era tudo muito pacato; ninguém daria atenção a um pobre serviçal como ele.

Sentia-se ofendido com os risos, mas respondia com um sorriso forçosamente simpático. Era a sua família, ele gostava dela. Triste era pensar que em mais algumas horas os deixaria para finalmente correr atrás de seus objetivos. Já estava decidido: sua fuga não poderia passar da manhã seguinte.

- CAPÍTULO II -

E UMA CONTINUAÇÃO

Deitado na cama de seu quarto, Lino começou a pensar em um plano, em um meio de fugir sem que ninguém notasse. Moedas de prata ele já tinha, conseguira juntar nos últimos três meses o que achava ser o suficiente para a sua empreitada. Faltava agora uma forma... uma forma de escapar sem alertar a sua família.

Pensou muito, conforme a noite passava, tentando encontrar um meio de executar a fuga perfeita, uma maneira brilhante de sair daquele lugar, sem obter muito sucesso; quase todas as suas ideias soavam terríveis, até mesmo para ele, e poucas tinham alguma chance de funcionar. Mesmo assim, permanecia deter-

minado. Sabia que não podia se deixar derrotar pelo cansaço. Antes de sequer cogitar a possibilidade de repousar, precisava criar um plano para sair dali.

Levantou-se da cama em um pulo e começou a arrumar as suas coisas. Pegou uma velha bolsa de couro que ficava em seu armário e guardou tudo o que lhe parecia importante. Primeiro, colocou cuidadosamente o seu pequeno saco de moedas de prata no compartimento da esquerda. Depois, foi a vez de uma antiga panela de barro, cordas e um lampião a óleo no lado direito. Como a velha bolsa não parecia ser muito resistente e certamente não suportaria mais muito peso, pegou duas peças de roupa, jogou lá dentro e a fechou.

Tudo estava empacotado, agora só precisava dar traços finais a seu plano. Enquanto guardava os seus pertences, tivera uma ideia que poderia solucionar todos os seus problemas. E tudo conspirava a seu favor, principalmente agora que os primeiros raios da manhã começavam a iluminar a pequena vila.

Justamente naquele dia, sua família enviava de carroça metade dos alimentos que conseguira estocar durante o ano para a vila em que uns primos seus moravam, uma cidadezinha próxima aos portos, onde o mercado era mais aquecido. A ideia que lhe ocorrera era bastante simples. Bastava se voluntariar para levar os alimentos e aproveitar o momento oportuno para fugir em sua empreitada rumo à cavalaria.

Sabia que alguns detalhes do plano ainda precisavam ser aperfeiçoados – mas assim são todos os

grandes planos, nunca surgem perfeitos e sem a possibilidade de serem melhorados ou, até mesmo, de darem errado. O tempo, porém, era curto. Lino não tinha dúvidas de que sua mãe faria questão de que a carroça saísse o quanto antes da vila, até para evitar o olhar alheio, que em épocas de escassez poderia ser cobiçoso.

Ele saiu rápido de casa e correu até a entrada da pequena vila, onde um viajante, amigo íntimo da família, costumava ficar durante as manhãs. O nome do homem era Marcos e, pelo que Lino sabia, seu trabalho consistia em viajar de cidade em cidade comprando e revendendo produtos.

- Senhor Marcos, senhor Marcos! O senhor está acordado?!

- Bem, de certo que sim. Mas é claro que se não estivesse, tenho certeza de que agora estaria, com todo esse barulho, não é? – retrucou o viajante, de forma bem-humorada.

Lino ficou um pouco constrangido, com um certo receio de talvez ter importunado o velho homem. Marcos já não era mais tão jovem, aparentava ter mais de 60 anos – o que já era bastante raro de se ver na época – e andava sempre curvado, apoiando sua mão direita em uma velha bengala de prata.

- Ora, meu bom garoto, não sabia que era você. O que faz tão cedo em minha tenda?

- Preciso pedir um favor seu. Será que teria como você me ajudar?

- É claro que sim. Sabe que faço qualquer coisa por você e sua família. Ninguém, em nenhuma vila ou burgo que visitei, tratou-me tão bem quanto vocês.

Lino concordou com a cabeça, sabia que Marcos não estava mentindo. Ele ainda se lembrava da noite em que o viajante chegara à cidade, cheio de mercadorias e sem uma moeda sequer. Era uma noite de inverno, uma das mais frias de que conseguia se lembrar. Fora ele quem vira o estranho viajante cruzando a ponte, tentando vencer a fadiga que já havia tomado quase todo seu corpo já castigado pela idade. Fora ele quem correrá até o velho homem e o levara para a sua casa.

Seus pais, embora sempre tenham passado por dificuldades, nunca se negaram a ajudar alguém necessitado e deram comida e abrigo ao viajante desconhecido. No dia seguinte, Marcos não podia ter se mostrado mais agradecido, dando de presente à família diversos itens de sua coleção que considerava valiosos. Naquele dia, uma grande amizade se formou; e Lino passou a ter um amigo que podia lhe contar os feitos dos grandes cavaleiros espalhados por todo o continente.

- E então? O que quer me dizer? – perguntou o viajante enquanto fitava o garoto com sua expressão carinhosa habitual.

- É... não sei... é que é meio complicado...

Marcos continuou em silêncio. Embora o menino ainda não tivesse lhe dito o que tanto o afligia, o

que ele ansiosamente queria lhe contar, já conseguia captar em seus olhos a pergunta, a necessidade de encontrar em um velho amigo alguém que pudesse lhe dar suporte. Desde que o encontrara pela primeira vez, no dia em que chegara à vila, percebera naquele garoto magro e esguio, de apenas quinze anos, uma vontade enorme de conhecer o mundo. Nos meses seguintes, nos quais criou um laço de amizade muito forte com toda a família, percebeu que suas previsões estavam corretas. Lino tinha de fato o espírito de um aventureiro, um empreendedor; isso era o que mais chamava a sua atenção, fazia-o se lembrar de sua própria juventude.

- Bem, senhor Marcos. Sabe, preciso muito de sua ajuda, muito. E preciso que você me prometa que não vai contar nada pra ninguém. Nem pros meus pais, nem pros meus irmãos.

Lino lançou um olhar esperançoso ao seu velho amigo. Se existia alguém em toda a vila que podia ajudá-lo a concretizar o seu grande objetivo, era ele. O único homem que acreditava em seu potencial. O único que lhe contava sobre as guerras, os heróis e os torneios. Se mesmo morando em uma pobre vila de camponeses sabia algo em relação ao mundo, era por causa de Marcos. Não restavam dúvidas: era hora de aquele velho viajante ajudá-lo a pôr em prática o seu grande plano.

- E o que quer que eu faça, garoto? O que é que você está planejando?

- Preciso que você vá até a vila onde meus primos moram por mim e que leve os alimentos da minha família.

O velho viajante sorriu.

- E qual a razão disso? Você quer fugir, não é?

- Bem... sim... é isso. E você é a única pessoa pra quem posso confiar os alimentos que vão estar na carroça. Preciso que você vá no meu lugar. Só assim vou ter tempo de fugir sem que minha família fique preocupada com minha ausência. Assim eu ganho seis dias de vantagem. Quando você voltar, pode explicar pros meus pais. Por favor... nessa vila só você é capaz de me entender.

- Tá certo. Você ainda é muito novo, mas acho que pode escolher o caminho que quer seguir. Traz a carroça até aqui e a gente faz a troca. Pode confiar em mim, vou fazer o que você pediu – disse o viajante, dando um último aceno com a cabeça e se dirigindo para dentro da tenda.

Lino mal podia acreditar. Esta era a sua grande chance. Agora que ela havia aparecido e tudo parecia estar bem encaminhado, já podia até sentir seu coração bater mais forte. Apesar de ser um misto de alegria e tristeza por causa de todas as consequências de sua partida, a sensação ainda assim era muito boa.

Voltou para casa o mais rápido que pôde e logo se deparou com a carroça, já pronta para a partida.

Sua mãe e seu pai conversavam no quintal, decidindo quem seria o responsável por levar os alimentos. Ele os interrompeu, ainda um pouco ofegante; as mãos tremiam de nervosismo.

- Pai... mãe... deixa que eu levo a carroça dessa vez.

A ideia não foi muito bem recebida. A mãe colocou as mãos na cintura e cerrou os olhos, gesto que normalmente significava reprovação. O pai, que não costumava discordar da mulher, permaneceu calado e um pouco desconcertado diante do pedido.

- Olha, Lino, acho melhor você não ir não. Você é muito novo e o caminho é perigoso. Você é avoado demais. Não sei não... – resmungou a mãe.

- Mas eu já tenho quase dezesseis anos, já estou pronto. E tenho muitas saudades dos primos. Qual o problema de eu ir?

- Bem, se quer tanto ir... ainda não sei. Melhor eu conversar com seu pai sobre isso. Agora, vai comer algo lá dentro. Daqui a pouco eu digo o que decidi.

O garoto concordou com a cabeça e correu para dentro da pequena casa de madeira. Estava inquieto, não sabia muito bem como se comportar. Nessas horas, é sempre difícil saber o que fazer; a paciência é uma virtude de poucos. Para conter a ansiedade, Lino decidiu comer um pouco do pão que tinha sobrado do dia anterior enquanto olhava seus pais pela janela; tentava decifrar qual decisão eles tomariam.

Por um momento, chegou a fraquejar. A ideia de se separar de sua família por tempo indeterminado era no mínimo assustadora. Seu pai, Antônio,

e sua mãe, Sônia, sempre cuidaram dele e de seus irmãos com muito carinho. Será que ele conseguiria, depois de todos aqueles anos, sobreviver sem a proteção e a segurança que eles lhe davam? E mesmo seus irmãos, que tanto o menosprezavam o chamando de sonhador, fariam muita falta. A separação, sem dúvida, seria difícil, esta era a única certeza que tinha.

A perspectiva de concretizar o seu grande sonho, porém, varreu aos poucos todos estes sentimentos. No momento em que percebeu que seus pais tinham chegado a uma decisão, Lino não conseguiu mais se conter e correu para o quintal.

- E então?!

- Você pode ir sim. Arruma suas coisas e sobe na carroça. Mas não se esquece que tamo confiando em você. É muito importante que os alimentos cheguem lá bem cuidados – afirmou o pai enquanto lhe dava um abraço carinhoso.

- Certo, pai. Pode confiar, não vou decepcionar.

Lino correu para dentro da casa, esperou alguns minutos para fingir que arrumava suas coisas e saiu para o quintal. Seu pai, sua mãe e seus irmãos o esperavam para que pudessem se despedir; era a primeira vez que ficariam tanto tempo longe do caçula da família.

- Bem, filho, é isso. Leva este mapa para não se perder e segue sempre a estrada. Daqui a uns seis dias, eu espero te ver de novo com boas notícias – disse o pai, sorrindo.

Já Lino tentava conter as lágrimas. Sabia que não retornaria tão cedo, mas pelo menos tinha se certificado de que as vendas seriam feitas e também de que Marcos explicaria a sua família tudo o que tinha acontecido.

Num último esforço para conter a tristeza, despediu-se de seus familiares o mais rápido que pôde, subiu na carroça e partiu em direção à entrada da cidade; não era hora para arrependimentos.

Em pouco tempo, alcançou a tenda de Marcos. O velho viajante, pontual como sempre, já estava a esperá-lo, apoiado em sua bengala de prata e todo coberto por uma capa cinza que costumeiramente utilizava em suas viagens.

- Bem, já estava demorando, não? Quase desisti – brincou, deixando escapar um sorriso simpático.

- Sabe como é... – começou Lino, em um tom um pouco melancólico. – despedidas costumam ser longas e desconfortáveis.

- Sei, sei. Agora me deixe subir e tomar o seu lugar.

Marcos segurou as rédeas dos cavalos e subiu cautelosamente na carroça. Lino lhe entregou o mapa que marcava onde era a casa de seus primos e desceu.

- Por favor, cuida bem dos alimentos, tá? Toda minha família depende dessas vendas.

- Não se preocupe, garoto! Quando se trata de cuidar de mercadoria, ninguém é mais qualificado do que eu. Agora, é você quem deve tomar cuidado.

Tem muita gente ruim por aí. Ande sempre com seus dois olhos abertos. Te vejo em breve! *Heyah!!* – gritou ele, ao sacudir as rédeas com violência e partir em velocidade com a carroça.

Lino permaneceu parado por alguns instantes, observando Marcos sumir em uma curva da estrada. Sua jornada finalmente começara. Com um punhado de alimentos que pegara de última hora em casa, cordas, uma panela de barro, algumas moedas de prata e três peças de roupa precisaria aprender a sobreviver nos ermos, sozinho. Era o grande desafio de sua vida que começava e ele estava certo de que um dia retornaria àquela mesma vila como um grande cavaleiro, um grande motivo de orgulho para toda a sua família.

Encorajado por estes pensamentos, deu seu primeiro passo com convicção: daquele momento em diante, deixava a vila para entrar na História.

- CAPÍTULO III -

PRIMEIROS PASSOS

Os passos seguintes não mantiveram o mesmo entusiasmo. Caminhara por um dia inteiro e, mesmo assim, sabia que ainda teria muito trabalho pela frente. Desde que saíra de casa, a única coisa em que conseguia pensar era que já teria chegado ao seu destino se ainda estivesse com a sua carroça.

A verdade era que, apesar de estar determinado e concentrado em seus objetivos, não passava de um menino, novo e inexperiente, que mal sabia para onde ir. O que mais queria era se tornar um grande cavaleiro, um homem digno de grandes histórias, disso não tinha dúvidas. Mas por onde começar era uma questão que ainda não tinha conseguido resolver.

Por enquanto, continuava andando, sempre seguindo a estrada em direção a uma vila não muito distante daquela em que morava. Estava esperançoso. Naquela região, costumavam acontecer diversos torneios. Aparentemente, um dos mais ricos e poderosos nobres do reino possuía um de seus castelos nas proximidades da vila. Marcos uma vez havia lhe contado que este homem, conhecido como Arturo de Galgânia, era também um grande cavaleiro, um combatente que gostava de participar de muitos dos torneios que promovia.

O grande problema era que a sua situação apenas se complicava. O cansaço aos poucos aumentava, assim como a vontade de voltar para casa e deixar todos os seus planos de lado. E o que tornava tudo ainda pior: descobrira que a quantidade de alimentos que tinha levado era muito pouca. Mal duas noites tinham se passado e seus suprimentos já começavam a escassear.

A jornada realmente era difícil, muito mais difícil do que tinha inicialmente imaginado. Ainda assim, preferia se manter apegado às poucas esperanças que lhe restavam. Começou a racionar o que sobrara dos alimentos e resolveu parar menos para descansar; quem sabe não conseguia alcançar a vila mais próxima antes de tudo dar errado? Pelo pouco que sabia da geografia do lugar, não parecia muito distante. A vegetação aos poucos tinha se modificado e já se mostrava bem diferente da de sua terra natal.

Segundo Marcos lhe ensinara, aquele tipo de floresta, bem menos densa e formada por altos pinheiros, era típica da vila para onde se encaminhava.

Um barulho mais à frente na estrada, porém, resgatou-o de suas ponderações. Não muito distante de onde estava, três homens conversavam animadamente entre um gole e outro de cerveja, deixando escapar, vez ou outra, alguns insultos jogados ao vento. Por precaução, Lino achou melhor baixar a cabeça e tentar passar sem chamar muita atenção, mas foi puxado pelo ombro no meio do caminho.

- Vem cá, garoto. Tá vindo de onde?

Lino não respondeu, apenas olhou para os três estranhos. Eles não se vestiam de forma muito diferente da de sua família. Claramente eram também de origem pobre; as roupas sujas, rasgadas, e as botas furadas. A grande diferença eram as armas. Cada um tinha uma espada embainhada no lado esquerdo da cintura, coisa não muito comum entre camponeses.

- Ih, parece que cortaram a língua dele fora! – disse um segundo homem, que tinha uma aparência um pouco mais selvagem e descuidada do que o primeiro. – Pega essa bolsa que está com ele e vamos dar no pé, deve ter gente melhor pra saquear por aí!

O primeiro homem, que ainda agarrava Lino pelo braço, jogou-o no chão e tomou à força a pequena bolsa de couro. Os três soltaram uma longa gargalhada e dispararam pela estrada.

O garoto arrastou-se até uma árvore próxima e se sentou, os braços cruzados envolvendo os joelhos.

Algumas lágrimas rolaram de seus olhos, mas ele não sabia dizer se eram de medo ou de raiva. Seus planos tinham ido por água abaixo e sua jornada mal tinha começado. Mas, também, como pudera ser tão idiota? Não passava de uma criança, era um alvo fácil. Era óbvio que uma coisa dessas aconteceria.

E a raiva aumentava, mas uma raiva de menino, aquele incômodo que se tem quando você se decepciona com seus próprios atos. Por horas ficou ali, sentado, choramingando, remoendo-se. Mal sabia ele que o desespero era passageiro. E passou, depois de um tempo. A cabeça, que havia se abaixado durante o choro, ergueu-se. Se ele queria ser um cavaleiro, não podia se deixar abater por aquilo. Que criancice a dele! Era hora de continuar, e já até sabia como. Iria atrás dos três homens que o haviam roubado. Difícil não seria. Eles não eram nem um pouco sutis e suas pegadas podiam ser vistas sem grandes problemas.

Reconfortado por este novo sentimento, levantou-se, sacudiu a poeira da roupa e começou sua nova empreitada. Era hora de recuperar o tempo e os objetos perdidos.

A tarefa, que no início prometia ser muito fácil, revelou-se extremamente complicada. O clima

seco daquele início de inverno deixara a terra da estrada muito dura: as pegadas, com o tempo, ficavam cada vez mais difíceis de serem identificadas.

Mas isso não faria Lino se entregar. Ele seguia determinado, analisava cada centímetro de terra e avançava o mais rápido que podia. Já tinha um dia que estava atrás dos três malfeitores e sabia que os alcançaria no momento certo. Ainda não tinha ideia do que faria se realmente os alcançasse, mas preferia não pensar muito sobre o assunto.

O tempo foi passando sem que ele pudesse notar. Só quando os últimos raios de sol começaram a se pôr e ficou difícil de enxergar, é que percebeu que estava tarde. Em muito pouco tempo, seria impossível continuar a perseguição; ele não tinha como iluminar o caminho. Infelizmente, teria de esperar pelo dia seguinte.

Quando procurava por um local em que pudesse descansar, reparou em algo que lhe deu um novo ânimo. Um pouco para fora da estrada, no meio da floresta, era possível avistar uma luz em meio aos altos pinheiros. Certamente, tratava-se de uma fogueira. Se eram os três homens que o haviam roubado, não sabia; mas não restava dúvida de que o melhor era averiguar.

Esgueirou-se por entre as árvores com cuidado, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Aproximou-se até vislumbrar a clareira da qual emanava a luz, onde avistou um homem sentado em um toco de madeira. Ele alimentava uma fogueira

a sua frente e separava alguns ingredientes para cozinha. Parecia um camponês comum; extraordinariamente forte, porém comum.

Lino deixou que o cansaço o vencesse e se sentou. Quanta coisa já havia se passado... e até agora só conseguira ficar mais perdido e desorientado. Não sabia exatamente para onde ir, não comia nada há quase dois dias e já não tinha quase mais esperanças de encontrar os homens que o haviam roubado. Se quando fugira da vila o destino fora um grande companheiro, agora ele parecia tê-lo abandonado. Mas apenas parecia, pois o destino não abandona os personagens das grandes histórias – e era justamente isso que Lino pretendia ser.

Quando se deu por vencido, por um golpe de sorte, que inicialmente pareceu azar, sentou-se em uma grande poça de lama, algo que lhe pareceu muito estranho; não vira um sinal de chuva sequer nos dias anteriores. Ao olhar ao redor, alimentando a sua curiosidade costumeira, notou algo que lhe chamou a atenção, um detalhe que renovou o seu espírito: havia marcas espalhadas por toda a lama, marcas de pés. Conseguiu identificar cinco pares de pegadas diferentes. Duas seguiam em direção à clareira, onde estavam o homem e a fogueira, mas uma delas fazia a volta e retornava novamente para a estrada. As outras três tomavam o mesmo rumo.

O coração de Lino disparou. Ele conhecia as três últimas pegadas. Eram deles, dos três homens! E

eram muito recentes. Era óbvio! Eles estavam prestes a realizar mais uma emboscada. Mas desta vez seriam surpreendidos, ele estava a caminho, pronto para estragar os seus planos.

Novamente tomado pelo entusiasmo e empurrado pela precipitação da juventude, Lino se levantou e saiu em disparada atrás dos rastros. Deixou a floresta, atravessou a estrada e se embrenhou na mata por mais uma vez. No meio do caminho, ainda cego pela emoção, distraiu-se, tropeçou na raiz de um arbusto e se espatifou no chão. Quando olhou para frente, viu os três salteadores. No meio deles, estava um quarto homem, um senhor magro que vestia uma túnica de luxo roxa e uma boina de mesma cor na cabeça. Ele possuía um bigode bem fino e perfeitamente aparado, era definitivamente alguém muito rico, provavelmente um nobre.

Apesar da entrada desastrosa na cena, Lino não chegou a ser notado. Os salteadores pareciam muito ocupados assustando a sua vítima. O homem a quem roubavam mantinha a calma e a classe, mas também não mostrava resistência.

- Com calma, por favor. Vamos resolver as coisas sem violência, sejamos cavalheiros, meus bons homens – disse ele, fazendo gestos com as mãos na tentativa de apaziguar os salteadores.

- Ih.... olha ele... tentando enrolar a gente – disse o homem de aspecto mais selvagem, que pare-

cia ser o menos paciente dos três. – Vamo dá uma lição nele e ver se ele continua calmo assim!

- Ei, esperem ai, vocês três! – gritou Lino enquanto se levantava do chão e apontava o indicador da mão direita na direção dos salteadores, que prontamente se viraram para encará-lo. Não demorou muito e caíram na gargalhada, tão logo o reconheceram como o menino que tinham roubado no dia anterior.

- Olha quem resolveu aparecer – exclamou o salteador de aspecto mais selvagem em meio a incontidas risadas. – Erick, não vamos perder tempo! Pega ele logo!

O mesmo homem que havia arrancado e roubado a bolsa de Lino anteriormente partiu em sua direção. Sem o lampejo de coragem que o havia acometido momentos antes, o garoto olhou-o se aproximar com uma expressão de horror, quase atônito diante da situação. Em um ato reflexo, virou-se o mais rápido que pôde na direção oposta e saiu em disparada rumo à estrada. Precisava pensar rápido. O salteador estava em seu encalço. Não era muito fácil correr pela floresta, ainda mais desesperado. Um plano.... um plano... precisava de um plano. Ele não veio. Para piorar, suas ideias aos poucos se esvaíam, assim como o seu fôlego e a sua velocidade.

Em um salto, sobre uma pedra que quase o derrubou, alcançou a estrada. Olhou para os lados... tudo vazio. O som dos passos de seu perseguidor au-

mentava. Sem saber o que fazer, embrenhou-se na mata novamente. Mais à frente, viu uma luz... uma luz já conhecida. O homem da clareira! É claro! Ele poderia ajudar.

O homem se levantou assim que viu o menino todo desengonçado sair correndo da floresta. Sem demonstrar qualquer hesitação e com uma prontidão até mesmo surpreendente, disparou ao seu encontro para lhe prestar socorro.

- O que aconteceu, garoto? Tá tudo bem com você?

- Salteadores... salteadores... aí atrás de mim – balbuciou Lino, esbaforido.

O homem ergueu a cabeça. Assim que avistou outra pessoa saindo da floresta, puxou Lino para trás de si com o braço direito.

- Ah! Quer dizer que arrumou um protetor – disse o salteador, em tom debochado, no momento em que parou a dois passos de distância do homem e começou a jogar sua espada de uma mão para a outra ameaçadoramente.

- Garoto, pelo que você falou, era pra ter mais de um bandido, não?

- É. Mas os outros dois estão atacando uma outra pessoa. Um nobre, eu acho.

O homem deixou escapar um grito de lamento e colocou as mãos sobre a cabeça. Depois, em

um movimento extremamente rápido, segurou com a sua mão esquerda o braço esquerdo do salteador, deu um giro com o corpo e acertou uma cotovelada fulminante em seu rosto. Lino tomou um susto. Em uma questão de segundos, viu o seu perseguidor nocauteado.

- Uau... isso foi... incrível!

- Onde está o nobre que você falou? Me leva até ele imediatamente!

- Tá. Tudo bem. Vem comigo!

Os dois saíram em disparada em direção à floresta. Agora revigorado e um pouco mais seguro, Lino não teve dificuldades em alcançar a estrada e encontrar o local onde o nobre fora emboscado.

- Parem aí, vocês dois! – gritou ele, assim que saiu do meio das árvores e encontrou os bandidos.

Os dois homens se esqueceram do nobre que tentavam roubar e se viraram muito irritados. O que aquele menino intrometido poderia querer agora?

- Erick!! Não falei para pegar o... – dizia o salteador de aspecto mais selvagem quando viu um homem sair da floresta logo atrás de Lino. – Quem é você?

- Vou dar uma chance pra vocês. Vão embora agora e eu não machuco nenhum dos dois – disse o homem, puxando Lino mais uma vez para trás de si com o braço direito.

Os salteadores não levaram a ameaça a sério: começaram a gargalhar do estranho a sua frente.

Atrás dos dois, o nobre respirou aliviado. Com uma calma incomum, ajeitou a boina roxa na cabeça cuidadosamente, passou pelo meio de seus agressores e se pôs ao lado de Lino e do outro homem.

- O que é isso?! – gritou o salteador de aspecto mais selvagem. – Não acreditam mesmo que estão a salvo agora, não é?

- Idiotas! – gritou o outro, ao cair na gargalhada.

O nobre não deu atenção aos gritos. Lentamente, tirou duas luvas de couro do bolso, deu uma leve sacudida para tirar o pó e as vestiu. Depois, ajeitou novamente a boina na cabeça.

- Bartô... você está atrasado... como sempre. Agora, termine logo com estes dois, eles já causaram muitos inconvenientes.

- Desculpe-me, senhor, mas estava montando nosso acampamento.

Lino permanecia calado. A maneira como aqueles dois estranhos reagiam àquela situação era um tanto quanto peculiar. Ao menos para ele, tudo parecia muito perigoso e arriscado: a vida deles estava em jogo. Os dois salteadores tinham a mesma opinião. Ambos estavam incrédulos com o pouco caso feito de suas ameaças. Era algo definitivamente inaceitável. A atitude daquele nobre e de seu aparente serviçal era totalmente desrespeitosa e, o que ainda tornava as coisas piores, beirava a indiferença.

- Quem vocês pensam que são? – esbravejou o homem de aspecto mais selvagem. – É melhor param com a brincadeira ou vão acabar se machucando! Se não passarem tudo o que têm de valor agora, vocês vão ver!

Os dois salteadores faziam gestos vigorosos no ar, tentando desesperadamente tomar o controle da situação. Lino mantinha os olhos fixos neles, ainda muito assustado e amedrontado com tudo o que acontecia. Até agora, não conseguia entender como aquele nobre e o seu companheiro podiam estar tão calmos.

- Bartô... cuide deles, tudo bem?

- Como quiser, senhor.

- Está certo, então.

O nobre se virou, sacudiu as mangas de sua veste cuidadosamente e seguiu em direção à estrada. Os salteadores ficaram pasmos. Como alguém poderia reagir a uma emboscada daquela maneira? Quanta arrogância! Era hora de alguém lhes dar uma lição! E ninguém melhor do que dois bandidos experientes para fazê-lo.

Suas ações, porém, não foram tão rápidas e nem tão vigorosas quanto os seus pensamentos. Antes mesmo que pudessem levantar as suas espadas, viram um homem impressionantemente ágil para o porte que tinha desferir contra eles golpes que nunca tinham sequer imaginado. Depois da surra, até pensaram em se levantar e tentar con-

tinuar lutando, mas a covardia se mostrou mais forte. Melhor era permanecer no chão, derrotados, a correr o risco de se machucarem ainda mais. Vida difícil era aquela de salteador.

Já Lino continuava calado e imóvel, quase como o espectador de uma cena que não correspondia a sua realidade. Quem era aquele homem? O que ele e um nobre faziam na floresta? Isto era o que mais lhe interessava.

Um tapa amigável nas costas o fez voltar de seus devaneios. Ele levantou a cabeça e viu o acampamento. Estava tão envolvido em seus pensamentos que nem percebera ter andado até ali. Com a mão em seu ombro, estava o homem que derrotara os salteadores. Mais adiante, o nobre tomava conta de uma panela meticulosamente colocada no fogo.

- Garoto, queria te agradecer. Foi muito corajoso de sua parte ter se colocado para me defender. Se não fosse você, Bartô não teria me encontrado. Claro que aqueles homens não eram grande coisa, mas fico feliz que tenha mostrado bravura. Nestes dias, ninguém a tem, pode apostar – disse o nobre enquanto adicionava alguns ingredientes ao que cozinhava.

- Ah, obrigado. Mas não foi mais que minha obrigação. Eles também tinham roubado as minhas coisas, eu pude pegar elas de volta.

- Sim, sim. Muito modesto de sua parte. Agora se sente, vamos comer. Fiz uma sopa com alguns ingredientes desta floresta. Tenho certeza de que irá gostar.

O nobre pegou uma pequena tigela de metal, encheu-a com uma sopa verde de aspecto e cheiro muito agradáveis e a ofereceu a Lino. O garoto prontamente aceitou, pegou a tigela e se sentou num toco de madeira. O homem que derrotara os salteadores, que atendia pelo nome de Bartô, sentou-se ao seu lado.

- A noite está muito bonita, não? Hoje o dia foi bom, acabou dando tudo certo. Acho que acordamos com o pé esquerdo – comentou ele enquanto olhava do céu para a floresta.

- É verdade. E o clima está muito bom também, nem muito quente, nem muito frio – respondeu o nobre, que fitava de cima a baixo as roupas sujas de lama que Lino vestia. – E você, garoto? Pelo que vejo, não teve um dia tão bom, não é?

- É. Não tive mesmo. Tava perseguindo os salteadores o dia todo, já tava quase desistindo. Ah, e obrigado pela sopa, está muito boa.

- Não precisa agradecer. Depois de tudo o que fez, você merece.

Lino respondeu timidamente com um aceno positivo. Ainda se sentia desconfortável na presença dos dois estranhos. Eles pareciam ser boas pessoas, até pela forma como tinham lidado com os salteadores, mas mal os conhecia; não sabia o que deveria dizer e nem como tinha de se portar.

- Ei, garoto. Me diz: por que que você tá sozinho? É meio perigoso pra alguém da sua idade andar por essa região – perguntou Bartô enquanto lhe oferecia um cantil de água.

- Ah... é... é que eu fugi de casa.

- Fugiu de casa?! Mas então precisamos levar você de volta! Seus pais devem estar muito preocupados. Você não pode fazer uma coisa dessas!!

- Bartô... espera um pouco. – O nobre gentilmente fez um gesto para que seu amigo se acalmasse e depois fitou Lino por alguns segundos; talvez fosse interessante ouvir o que aquele bravo garoto tinha a lhes contar. – E qual a razão dessa sua fuga? Não é algo muito comum de se ver, ainda mais se for para se embrenhar numa floresta perigosa como esta.

- Eu fugi pra tentar me tornar um cavaleiro. Como sempre ouvi dizer que na vila que tem aí mais adiante costumam fazer torneios, queria chegar lá. Mas os salteadores apareceram e tudo começou a dar muito errado.

- Ah... se tornar cavaleiro. Então é isso. Bem, vou lhe dizer que é uma tarefa bem difícil, ainda mais para alguém que parece vir de origem pobre como você.

- Eu sei. Mas nada pode me impedir de tentar, não é mesmo?

- É. Está certo. E sua família? Não acha que eles ficarão preocupados?

- Não, eu fiz uma combinação com um amigo meu. Meus pais só vão saber que eu fugi daqui a quatro dias. E esse meu amigo vai explicar tudo pra eles.

- Bem, isso não significa que eles não ficarão preocupados, mas já é alguma coisa. Não é mesmo,

Bartô? Acho que não precisamos levá-lo para casa – disse o nobre, sorrindo, enquanto servia um pouco mais de sopa para o menino.

- É. Poder ser. Eu ainda acho melhor levar ele de volta, mas se você acha que não... tudo bem.